

LIVROS DO DESASSOSSEGO — NO PLURAL

TERESA RITA LOPES

FCSH – Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: Neste artigo, Teresa Rita Lopes defende a teoria de uma tripla autoria ficcional do *Livro(s) do Desassossego*, que inclui, junto aos dois autores que já assinaram algumas edições do Livro — Vicente Guedes e Bernardo Soares —, o pseudo-heterónimo Baron de Teide. Esta teoria, agora apresentada de forma crítica, é a seguida pela autora na mais recente edição do *LdD*, da sua responsabilidade, aparecida no mercado lusófono (no Brasil) com importantes novidades também na fixação do texto.

PALAVRAS CHAVE: *Livro(s) do Desassossego*, editor, Vicente Guedes, Barão de Teive, Bernardo Soares.

BOOKS OF DISQUIET – IN THE PLURAL

ABSTRACT: In this essay, Teresa Rita Lopes defends the theory of a triple fictional authorship for *Livro(s) do Desassossego*, as she adds the pseudo-heteronym Baron de Teive to Vicente Guedes and Bernardo Soares, the two authors who had already signed some editions of *Livro*. This theory is followed by the author in her recently launched critical edition of *LdD* (Brasil), which provides relevant developments in the text's setting.

KEYWORDS: *Livro(s) do Desassossego*, editor, Vicente Guedes, Barão de Teive, Bernardo Soares.

Embora o título que pus à edição que acabo de publicar, *Livros do Desassossego* (Pessoa 2015), constitua uma surpresa, a minha intenção não foi surpreender os leitores, mas ser fiel à obra de Pessoa. De facto, o conhecido e reputado livro que ostenta este título — o mais traduzido de todos, em dezenas de línguas — é plural, como toda a obra.

É verdade: O *LIVRO* É TRÊS LIVROS — assinados por três autores, perfeitamente diferenciados: o Primeiro, inicialmente por Fernando Pessoa que, a certa altura, nomeou Vicente Guedes seu representante, o Segundo pelo Barão de Teive e o Terceiro por Bernardo Soares.

Deste Livro que é três, de três autores distintos, cada um com sua biografia e seu estilo próprios, podemos dizer que foi o livro da vida de Pessoa: foi sendo redigido desde que retomou a nunca abandonada expressão escrita em português, no início dos anos 10, até que morreu, em 1935.

Convém não perder de vista que estes três «semi-heterónimos» — a expressão é de Pessoa — Vicente Guedes, Barão de Teive e Bernardo Soares, embora disponham da sua própria identidade, só em conjunto, em sucessivos livros separados, conferem ao *Livro(s) do Desassossego* o seu pleno sabor e alcance.

Recordemos que o seu autor, crente na significação dos números, tinha predileção pelo 3, o número divino da criação, como especificou. Não é por acaso que os heterónimos são só três: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, como se fartou de repetir. Os outros são «semi-heterónimos» ou, como também lhes chamou, «personalidades literárias».

A necessidade de considerar o tríptico, no caso do *Livro(s)*, vem, sobretudo, da complementaridade das três personagens em que Pessoa se espelha e analisa — podemos mesmo dizer se autodiagnóstica. Já assim os concebi no primeiro livro, *Fernando Pessoa et le Théâtre de l'Être* (Pessoa 2001), em que, há mais de 40 anos, comecei a encenar o «drama em gente»: Guedes, Teive e Soares são aí a tripla presença que se aplica a contar Pessoa, através de seus escritos diarísticos e autobiográficos, no *Livro do Desassossego* — que figurei, em termos de encenação, como um biombo em forma de livro.

A austera secura de Teive opõe-se à loquacidade de Soares (que diz gostar de «palavrar») e à cultivada sensorialidade de Guedes que, assumidamente sensacionista, diz, como Álvaro de Campos, querer «sentir tudo de todas as maneiras».

Misturar os textos do Primeiro Livro (quer os atribuamos a Pessoa ou a Guedes) com os de Soares, como tem sido feito pelos editores do *Livro*, é confundir as falas de duas personagens diferentes, meter no mesmo saco peças heteróclitas — privando-o, assim, de coerência e sentido.

Espero contribuir, com a minha nova arrumação do *Livro*, para reconstituir o corpo inteiro — que nunca chegou a ter... Gostaria de imitar os arqueólogos que reconstituem, a partir de cacos soltos, as peças de que provinham. Neste caso é mais difícil porque a grande peça ficou inacabada... Há que adivinhar-lhe a inteireza para que tendia. Refuto inteiramente a ideia posta a correr de que o *Livro do Desassossego* é um «anti-livro», uma espécie de baralho de cartas que cada um pode usar a seu contento, sem lhe respeitar a organicidade — essa que Pessoa prezava acima de tudo, mesmo nos seus ímpetos modernistas: veja-se a estrutura cuidadíssima, em várias partes, ou momentos, da «Ode Marítima». Pessoa gostava de citar Aristóteles: «O poema é um animal», para sublinhar a necessidade de lhe assegurar uma estrutura — preocupação

do clássico que sempre foi. É evidente que, quando o publicasse, faria total questão de cuidar do corpo inteiro desse *Livro* de que, já nos seus primeiros tempos, se queixava, numa carta a Côrtes-Rodrigues, só escrever «fragmentos, fragmentos, fragmentos...».

Tal como tem sido apresentado, o *Livro* sempre me soube a loja de bric-à-brac, em que todas as preciosidades se misturam, desvalorizando-se umas às outras. Tentei esvaziar a sala dos seus móveis a esmo e, no espaço nu, que podemos imaginar como uma cena vazia de teatro, ir fazendo desfilar os textos-gente. Esta metáfora é, por sinal, usada por Bernardo Soares, no seu *Livro*, dizendo-se «uma cena nua onde passam vários actores representando várias peças».

Para bem fruirmos *O(s) Livro(s) do Desassossego*, temos que manter bem distintas as três personagens que perpassam por esse palco. Há que assistir, separadamente e sem os confundir, aos monólogos de Guedes, Teive e Soares. O nosso prazer aumentará se imaginarmos a sua inter-acção e, ainda mais, se estendermos esse diálogo até às outras personagens do «drama em gente» e, até, à pessoa de Pessoa.

Tal como tem sido apresentado, o *Livro* torna-se, às vezes, maçador — culpa de Guedes! — e o leitor salta linhas ou mesmo páginas. Espero, com a minha edição, suprimir esse enfado. É que o leitor se dê conta do seu amplo alcance — obra de quem confessou, pela boca de Soares, ter sido «toda a vida fútil metafisicamente, sério a brincar.»

Nunca até hoje o Livro do Barão de Teive foi integrado no *Livro do Desassossego* pelos seus editores, contrariando a vontade expressa de Pessoa. A prova mais cabal de que ele tencionava dar guarida ao Barão nessa obra é o facto de ter começado a arrumar, pouco antes de morrer — os astros bem lhe prediziam o seu fim em 1935 — as folhas soltas dos textos de Teive no mesmo maço em que juntou as destinadas ao *Livro* (ainda assim se encontram nos primeiros cinco envelopes do espólio depositado na Biblioteca Nacional, de Lisboa). Que aí tenha arrumado também trechos sobre «Omar Khayyam» e um excerto de um «drama estático», «Morte do Príncipe», não quer dizer que Pessoa também tenha metido no espaço destinado ao *Livro* textos que lhe são alheios, como justificam os editores o facto de não considerarem este *Livro* do Teive parte do *Desassossego*: o que creio ter acontecido é que Pessoa, sentindo-se sem tempo de vida para acabar essas obras aí arrumadas, previstas inicialmente como independentes, decidiu incluir no *Livro* alguns dos seus fragmentos mais acabados, onde perfeitamente se inserem ao lado dos trechos com título — aí lhes dei lugar, no Livro de Guedes.

Tentemos contar este conto desde o princípio.

Embora trocada durante a adolescência pela sua língua de adoção, a inglesa, a língua portuguesa foi aquela em que mais fundo se disse. Quando, no regresso de dez anos na África do Sul, em 1905, decidiu que a sua pátria era a língua portuguesa — como é conhecido ter declarado — a esta sua língua começou a dedicar-se, em verso e em prosa. Sendo sobretudo conhecido como poeta, muitos esquecem, ou mesmo desconhecem, que sempre foi um prosador aplicado. Até em língua inglesa: ainda em Durban, escreveu vários contos e alguns escritos ensaísticos em inglês. De volta a Lisboa, começou a consagrar-se, a partir de 1908, a vários escritos em prosa, em língua portuguesa. O *Livro do Desassossego*, iniciado por volta de 1912, foi a primeira obra em que a sua expressão em português adquiriu plena forma. Podemos dizer que foi o LIVRO DA SUA VIDA, que ele foi segregando de si, desde os primeiros tempos de poeta em português até morrer. Acompanha e regista o seu evoluir, desde o poeta paúlco-interseccionista, da «escola» que, com Sá-Carneiro, se empenhou em lançar, e tem em *Orpheu* a sua plena expressão, até ao derradeiro Álvaro de Campos, com suas ousadias de atitude e linguagem, que tanto se parecem com as de Bernardo Soares. Da mesma forma, os autores do *Livro(s)* passam da paúlca espiritualização da matéria, de Guedes, à somatização e até visceralização da alma de Soares.

Sublimando anteriores tendências (até no sentido de elevar ao sublime), Soares desmistifica a alma romanticamente metaforizada do primeiro autor do Livro e, à maneira «não-aristotélica» de Campos (com que apresenta flagrantes afinidades), denuncia as suas «alfurjas», «viscosidades sem vida, lesmas sem ser, ranho da subjectividade».

A estrutura ternária que dei ao *Livro* impôs-se-me pela constatação de que ela acompanha A EVOLUÇÃO DA OBRA-VIDA DE PESSOA. O Primeiro Livro, inicialmente assumido e assinado por Pessoa, depois atribuído a Vicente Guedes, recolhe os seus reptos ao Simbolismo e Decadentismo (de que «O Marinheiro» foi o exemplo mais acabado) e também a sua experimentação dos três ismos constitutivos desse Sensacionismo que, de parceria com Mário de Sá-Carneiro, se aplicou a cultivar em tempos de *Orpheu*.

Depois do suicídio do amigo, essas práticas perderam a convicção do seu experimentalismo e o *Livro* entrou em pousio, entre 1920 e 1928. E eis senão quando se manifesta uma nova personagem, o Barão de Teive que, de origem aristocrática como Vicente Guedes, reconhece com pavor as suas parecenças com Rousseau e os Românticos, embora o seu coração e a sua lin-

guagem se manifestem inteiramente desidratados de qualquer arroubo de sentimentalismo. Como se suicida pouco depois, esse Livro que declara ser o seu «testamento» chega rapidamente ao fim. E é então que Pessoa decide levar para o *Desassossego* um antigo prosador, Bernardo Soares — que começa a coincidir, até na mesma folha de papel, com Teive. E vai ser ele o grande representante do *Livro*, aquele que mais gostamos de ler. A verdade é que reúne e alquimiza todas as influências e experiências anteriores, dando-lhes a sua voz e presença inconfundíveis: é, como Guedes, um «milemetrista das sensações» e, como Teive, um «milemetrista do pensamento» (assim ambos se declararam) mas também dá a sua mais perfeita expressão ao primitivismo de Caieiro e às audácias, temáticas e linguísticas, de Campos: alguns dos seus textos parecem rascunhos de poemas de Caieiro e Campos, ou vice-versa.

Por isso, convém não esquecer que o *Livro* não é um livro à parte — que se possa ler ignorando o resto da obra. Só no palco do «drama em gente» os seus autores adquirem pleno sentido.

Detenhamo-nos no DESENVOLVIMENTO ORGÂNICO do *Livro*.

O primeiro trecho publicado, em 1913, na revista portuense, *A Águia*, «Na Floresta do Alheamento», assinado Fernando Pessoa, anuncia, no fim, que faz parte do *Livro do Desassossego*, «em preparação». O facto de algumas listas de títulos de trechos destinados, por Pessoa, ao *Livro* não incluírem ainda essa «Floresta», sua pedra angular, mostra que ele lhe era anterior — constituído, então, por trechos com título, num estilo pós-symbolista, a que ele e o seu companheiro de aventuras estéticas, Mário de Sá-Carneiro, chamariam «paúlico», a partir do contemporâneo poema pessoano, designado «Pauis» (composto também em 1913).

Pensou, nessa altura, publicá-lo assim, só 13 trechos com título — como decide, enumerando-os, num dos seus (vários) planos do *Livro*. Anuncia, numa carta à Mãe, de Junho de 1914, que vai publicar um livro: devia ser este. Mas não foi — nem esse nem outro qualquer.

Mais tarde, depois de ter começado a usar o *Livro* como um diário na pessoa de outro, Pessoa encarou publicar separadamente os trechos com título, ciente de que constituíam um todo. Assim são apresentados na minha edição, no Livro Primeiro — o de Vicente Guedes — que assumirá essas «paisagens sonhadas» antes do seu «Diário ao Acaso».

Já disse que, com a morte de Sá-Carneiro, Pessoa se desinteressou da prática dos ismos por ambos inventados e por si praticados no Primeiro *Livro* —

que entrará em dormência desde o final dos anos 10 e só ressurgirá no final dos anos 20, com o Barão de Teive, em 1928 e, em 1929, com Bernardo Soares.

Para total compreensão do «Livros» impõe-se traçar brevemente a sua PRÉ-HISTÓRIA e a dos seus autores.

No universo pessoano em permanente mutação não foi só Pessoa que se transformou em «outros»: alguns destes metamorfosearam-se, por sua vez, noutros «outros», mantendo o mesmo nome mas mudando de atribuições, de acordo com a «situação» (dando a esta palavra o seu pessoano alcance dramático de relação entre as personagens em cena).

Foi assim que Alberto Caeiro nasceu, sozinho, três meses antes dos dois outros heterónimos, em Março de 1914 (acreditar na ficção do «dia triunfal» é ingenuidade da ignorância), para impor a modernidade de que Pessoa recebia, por carta, algumas lufadas através da estadia parisiense de Mário de Sá-Carneiro. E foi assim que Pessoa se pôs a escrever poemas modernistas assinados A. C. (que a edição crítica da Imprensa Nacional atribuiu a Campos mas, afinal, eram dele, Alberto Caeiro!). É que Caeiro foi o primeiro que Pessoa incumbiu de acertar o passo pela Modernidade — por isso lhe atribuiu, num plano, «5 odes futuristas», à maneira do que os europeus modernos então praticavam, depois do Futurismo italiano ter escolhido Paris como palco para lançar o seu manifesto nas páginas do *Figaro*. Quando Álvaro de Campos irrompeu, só 3 meses depois (não em Março, ao mesmo tempo que Caeiro e Reis, como Pessoa contou na ficção do «Dia Triunfal», longamente repetida como facto pelos exegetas), Pessoa redistribuiu os papéis: Caeiro foi então enviado para uma aldeia do Ribatejo apascentar as suas metafóricas ovelhas e tornar-se o apóstolo — senão o Novo Cristo — dessa religião de faz-de-conta que o Neopaganismo foi feito ser, com a missão de curar o Ocidente adoecido pelo «morbido cristista». Campos herdou, então, os modernos poemas, já feitos e por fazer, de que Caeiro fora inicialmente encarregado.

Da mesma forma, dois dos autores do *Livro do Desassossego*, Vicente Guedes e Bernardo Soares, já existiam no universo pessoano antes do parto heteronímico, mas com diferentes atribuições que não incluíam o *Livro*. Quando Pessoa os fez entrar para o convento do *Desassossego* não mudaram de nome, apenas de vocação: reciclaram-se. Morreram para os anteriores hábitos e dedicações para se consagrar inteiramente a essa nova sagrada função. Vejamos como foi.

Vicente Guedes começou por ser o nome que deu a um poeta e prosador português, por volta de 1910, a quem, em 1917, entregou a tarefa do *Livro do*

Desassossego, inicialmente assinado com o seu próprio nome: assim aparece no primeiro texto, «Na Floresta do Alheamento», publicado em 1913 na revista *A Águia*.

Guedes começou, contudo, a existir cerca de 1908. Foi uma das primeiras «personalidades literárias» em português. Autor multifacetado, assumia os múltiplos talentos do seu jovem criador: contista, poeta, cronista, tradutor. Podemos dizer que Guedes colaborava activamente com Pessoa nas suas militâncias, culturais e republicanas, de antes da implantação da República, em 1910 (Lopes 1990: v. I 112-116; v. II 228-230). Pessoa contava com ele para as publicações a realizar pela editora Íbis, que fundou em 1910 (mas teve curta existência e escassa facturação). Curiosamente, em 1914, Guedes assinava um ocasional diário, completamente diferente daquele que manterá no *Livro do Desassossego*, referindo-se a uma personagem real, um autor que Pessoa admirava como escritor mas abominava como criatura: Fialho de Almeida. Tive ocasião de dar a conhecer em 1990, no meu *Pessoa por Conhecer* (Lopes 1990), uma página solta (assim está no Espólio pessoano) desse diário de 11.5.1914. Tem este texto intrigado os exegetas porque este Guedes não se parece nada com o que, pouco depois, Pessoa encarregará de assinar o *Livro do Desassossego*. Dir-se-ia um ajuste de contas com a pessoa de Fialho: «um pederasta e um grosseirão, criatura da estepe alentejana, com calos na sensibilidade humana». (Esta violenta diatribe espanta tanto mais quanto Pessoa sempre se manifestou contra todas as formas que a homofobia reinante então tomava. Só o facto de Fialho se ter tornado ostensivamente monárquico poderá justificar tal furor por parte de quem foi militantemente republicano.)

É evidente que Vicente Guedes, enquanto parceiro de Pessoa nas lides conspirativas contra a monarquia portuguesa e a Igreja Católica, autor, em 1914, do tal virulento diário, não pode ter escrito «este livro suave», o do *Desassossego*, assim apelidado pelo apresentador de Guedes, em 1917, nas costas de um plano da obra de Alberto Caeiro (Lopes 1990: 229).

É forçoso constatar que, depois de ter criado os Heterónimos, Pessoa, que se apresentara até aí, e mesmo um pouco depois, como o autor do *Livro*, resolveu delegar essa autoria num nome já por ele largamente usado mas que só então dotou de função e biografia próprias, Vicente Guedes. Para que tivesse, na ficção forjada, o papel imaginado, fê-lo morrer tuberculoso ainda jovem (como Caeiro especificou) (Lopes 1990: v. I 115-116). Sabendo-se condenado, Guedes quis legar o livro da sua vida a alguém que, ciente do seu valor, o publicasse — Pessoa. Repare-se que esse importante texto de apresentação de Guedes, com

que faço iniciar o seu *Livro*, está escrito no verso do papel em que Pessoa planeia a obra de Caetano, com data de 18.9.1917 (o que é significativo da tal situação dramática, a interação de Pessoa com as suas personagens, e delas entre si).

O cenário do texto prefacial, em que Pessoa conta como se relacionou com Guedes, é um «restaurante barato» em que ambos coincidiam para jantar. Sabendo-se condenado pela tuberculose, Guedes cultivará interesseiramente a sua relação com ele para lhe legar o livro da sua vida.

Pessoa aproveitou o nome do velho parceiro da Empresa Íbis e dos jornais panfletários mas deu-lhe uma missão e uma personalidade diferentes. Como veremos, fará o mesmo com Bernardo Soares.

Poderá perguntar-se por que razão, em vez de usar antigos nomes para novas funções, Pessoa não inventava outros. Seria por se ter afeiçoado a esses velhos companheiros e se não querer deles separar? Além disso, acreditava que a palavra era criadora, e que as personagens que assim concebia ficavam a existir «numa quarta dimensão da mente». Pessoa referiu-se-lhes como os «únicos filhos» que engendrara...

Para explicar a escolha e manutenção do nome Bernardo Soares, vou propor uma especial razão: Bernardo tem as mesmas letras de Fernando, só mudando a inicial, B em vez de F, e o R (a antepenúltima) em vez de N; quanto a Soares só difere de Pessoa por uma única letra: um R em vez de um P. É claro que esta coincidência foi procurada por Pessoa, muito dado a jogos cabalísticos com letras e números... Recordemos que Soares nos aparece como o duplo de Pessoa mas em mais apagado (é apenas «ajudante» de guarda-livros...), mais isolado, mais infeliz. Penso que, por isso, não passou de «semi-heterónimo», não foi, como Campos, heterónimo integral: é que através deste seu outro duplo Pessoa se melhorou, se viu ao espelho com suas próprias feições e ascendência de «fidalgos e judeus», como declarou, mas mais desenvolvido, mais viajado e vivido, amado por mulheres e homens.

Convém também ter presente que o *Livro* dos primeiros tempos foi repertório das experiências do Sensacionismo — caminho percorrido com o amigo Mário de Sá-Carneiro, como afirmou ao definir essa corrente estética que ambos se aplicaram a lançar e cultivar, e em que distinguiram três dimensões: Paulismo, Interseccionismo e Sensacionismo propriamente dito.

As listas de trechos atribuídos a esse primeiro *Livro* incluem composições de estilo paúlco e interseccionista: é assim que poemas ilustrativos dessas duas experiências figuram numa lista de que consta também «Chuva Oblíqua», poema apresentado por Pessoa como exemplo do Interseccionismo, que torna-

va o Paulismo mais complexo: em vez de ser uma paisagem-estado-de-alma eram duas, sobrepostas.

Escolhi, para iniciar o Livro de Guedes, os trechos que o apresentam: os de Pessoa e o do seu «autor». Esses, e outros, adiante, no «diário», nos informam da biografia desta personagem: aristocrata sem recursos, forçado a ganhar a vida com o suor do rosto, mas não sabendo viver sem um certo requinte, próprio da sua nobre condição. Todos estes pormenores biográficos invalidam a tese dos que confundem os dois autores do Primeiro e do Terceiro *Livros do Desassossego*, Guedes e Soares, como se fossem a mesma personagem, admitindo-lhes vidas, psicologias e estilos semelhantes e misturando os seus textos. É tão errado como, por exemplo, seria misturar os poemas de Caeiro com os de Campos, atendendo a que ambos usam o verso livre e a que, durante a longa hibernação de Campos, entre 1917 e 1923, Pessoa chegou a atribuir a Caeiro, num plano de 1919, poemas em verso livre que não quadram com a sua psicologia. Foram, felizmente, casos isolados: Campos ressuscitaria em breve, mudado, curado dos seus frenesis futuristas, e, de braço dado com Pessoa, não mais o abandonaria até à morte.

Como fiz notar no primeiro ensaio que publiquei, sobre a parceria estética entre Pessoa e Sá-Carneiro, os três ismos que constituem as três etapas do Sensacionismo, Paulismo, Interseccionismo e Sensacionismo integral, definem-se através dos mesmos anseios e preceitos estéticos que o Simbolismo de língua francesa. A frase de Pessoa, citada por Sá-Carneiro numa das suas cartas, sintetiza esse propósito: «Procurar em tudo um além» — irrealizando o real. A peça maeterlinkiana «O Marinheiro» (1913), é contemporânea de «A Floresta do Alheamento». Pessoa quis publicá-la igualmente em *A Águia* e à relutância em editá-la, por parte dos responsáveis, se deve o seu rompimento com o Saudosismo, de que essa revista era o órgão, e com o qual se identificara inicialmente.

Apesar de ter sido educado culturalmente na língua e literatura inglesa, no liceu de Durban, Pessoa, em matéria de contemporaneidade, voltava-se para a Literatura Francesa, em que foi aluno premiado. Não foi por acaso que um dos seus pré-heterónimos, Jean Seul de Méluet, é um nobre francês (sempre o pendor para a aristocracia!) e que Pessoa em francês compôs poemas pela vida fora. São franceses a maior parte dos autores mencionados e criticados no *Livro* e os que particularmente tinha no horizonte ao praticar esse por si nomeado Neo-simbolismo: seu e de Sá-Carneiro e dos parceiros de *Orpheu*, a revista que ambos dariam à estampa em 1915, considerada órgão do Modernis-

mo português mas que é também um palco onde desfilam vários ismos. Nela, Pessoa se apressou a publicar o tal drama maeterlinkiano, «O Marinheiro» — causador do rompimento com *A Águia*.

À frente de todas as referências literárias do Pessoa desta época figura Maeterlinck, com quem particularmente se mediu ao fazer «O Marinheiro», apostando superá-lo em subtileza e nebulosidade.

«Entre os seus versos correm nuvens...» — assim saudava Sá-Carneiro, num linguajar bem neo-simbolista, os poemas que o amigo lhe ia então enviando, nas cartas, para Paris.

Des Esseintes, o aristocrático protagonista de *À Rebours*, de Huysmans (então a bíblia dos Decadentes), referido e apreciado por Pessoa, assim como Axel, da peça homónima de Villiers de l'Isle-Adam, também por ele referido como sua «influência», são modelos para o primeiro indigitado autor do *Livro*, Vicente Guedes. O desdém pela vida real manifestado pelo aristocrata Axel antes de se suicidar («La vie? Les serviteurs ferons cela pour nous!») será assumido por Guedes, ele também aristocrata, e pelo Barão de Teive, outro aristocrata, nesse ponto seu continuador.

Convém também levar em conta a importância de Óscar Wilde na obra pessoana desses primeiros tempos. (Pessoa até lhe fez o horóscopo! Talvez para ver se tinha parecenças com o seu.) A peça «Salomé», que Óscar Wilde redigiu em francês, foi ponto de partida do drama estático homónimo de Pessoa, escrito, como «O Marinheiro», em 1913. Da mesma forma que se mediu com Maeterlinck para fazer «mais nebuloso», também, com esta peça, quis ir, e foi, mais além que Wilde, criando não só um drama estático mas extático — a incluir nesse «Teatro de Êxtase» que figura nas listas das obras a publicar, contemporâneas do Primeiro Livro.

Por volta de 1917 (adiantei atrás a prova desta datação), Pessoa decide passar a Vicente Guedes «a pasta» dos trechos do *Livro* já escritos em seu próprio nome.

Importa lembrar que muitos trechos paúlicos e interseccionistas com título, nomeadamente «Nossa Senhora do Silêncio», destinados por Pessoa ao *Livro*, são contemporâneos das primeiras odes de Campos, nomeadamente o belo poema de 1914, conhecido por «Ode à Noite». A comparação deste magnífico poema de Campos com as prosas com título do *Livro*, de igual teor temático e estilístico, suas contemporâneas, leva-nos a concluir que a poesia de Campos logrou despojar a prosa desses textos do excesso de metáforas e sinestesias que, de facto, a sobrecarregam.

Já referi que, em muitos planos de Pessoa, o *Livro* aparece ao lado do «teatro estático» — ou «extático». De facto, há cenários pós-simbolistas comuns. Mas só o «drama estático» «O Marinheiro», «extático também», o mais acabado destes textos, foi expurgado de tiques decadentistas que inevitavelmente os datam.

A revista *Orpheu* irá, contudo, dar a conhecer, em 1915, uma outra personagem, esta integralmente heterónima, Álvaro de Campos, que representa já uma negação da arte decadentista e dos seus requintes ornamentais (assumidos ostensivamente por Vicente Guedes).

Podemos considerar Campos um «afilhado» de Sá-Carneiro: Pessoa criou-o para mostrar ao amigo que era capaz de fazer poesia mais futurista que a dos Futuristas, da mesma forma que, um ano antes, escrevera, para medir forças com Maeterlinck e Wilde, respectivamente «O Marinheiro» e «Salomé» — o jovem Pessoa gostava destes reptos... Pessoa precisou, contudo, de fazer Campos assumir também a pose decadente, da fase paúlca-interseccionista, de que ele e Sá-Carneiro se fizeram chefes-de-escola: para isso compôs o poema «Opíario», explicando que correspondia à primeira fase de Campos, antes de conhecer Alberto Caeiro e de, sob a sua influência, se tornar sensacionista — eu diria, de se tornar moderno.

«É antes do ópio que a minha alma é doente» — exclama, nesse poema, o poeta decadente, antes de se render aos frenesis futuristas. Anos depois, Pessoa declara, ironicamente, numa carta: «Fui em tempos poeta decadente. Hoje estou decadente e já o não sou». E Campos, num poema já de 1928, exclamará, evocando o Mestre Caeiro: «Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele | Poeta decadente estupidamente pretensioso | Que poderia, ao menos, vir a agradecer!» (Pessoa 2013: 338).

É preciso conhecer e levar em conta todos estes factos para colocar no seu tempo, e na adequada fase do desenvolvimento orgânico do *Livro*, os trechos da sua primeira concretização, repositório do que foi a primeira «maneira» do seu autor — quer ele se tenha chamado Fernando Pessoa ou Vicente Guedes.

O suicídio de Sá-Carneiro, a 26.4.1916, em Paris, pôs ponto final na aventura dos ismos. Vicente Guedes, praticante activo do paulismo-decadentista lançado pelos dois amigos e oficializado em *Orpheu* — Pessoa designa-o, numa carta a um amigo, «estilo alheio», a partir de «Na Floresta do Alheamento» — perderá, pouco a pouco, a convicção de existir, até entrar em sono cataléptico em 1920.

Álvaro de Campos, o «afilhado» sensacionista do suicida, também fecha para obras, pouco depois — até 1923, em que reaparece, outro, com «Lisbon Revisited».

Em 1928, Pessoa dá vida a uma nova criatura, o Barão de Teive, que herda a aristocracia de Guedes, a sua «incompetência nativa para existir» (a si próprio atribuída por Teive), as suas proclamadas estéticas do tédio, da abdicação, do absurdo, embora expurgando-lhe o estilo de todos os ornamentos e metáforas.

Teive disse-se um «milimetrista do pensamento»; Guedes já usara a mesma expressão e a mesma técnica, de se aproximar do seu objecto com lentes de aumentar, mas aplicadas ao seu sentir e às sensações: nisso foi assumidamente «milimetrista». E chegou a projectar «reduzir a sensação a uma ciência, fazer da análise psicológica um método preciso como um instrumento de microscópio». Uma frase solta, no *Livro*, exprime o mesmo objectivo: «exprimir ao microscópio». Bernardo Soares continuará neste caminho de fazer *zoom* sobre o objecto da sua atenção e descrição mas é outra a sua relação com o que descreve — como veremos.

O Barão, que — como Axel, de Villiers de l'Isle-Adam — se suicida por total desprezo do mundo, despreza também a dor: *Educação do Estóico*, se intitula o livro que deixou, como testamento. Guedes prezava a dor, em declarada atitude sadomasoquista, mas também deixa um texto intitulado «Educação» — só que, no seu caso, «Sentimental»: este e os seus trechos contíguos, «Maneiras de Bem Sonhar», são uma espécie de Kamasutra do sonho acordado, com receitas para fazer sexo de cabeça, com total renúncia a qualquer estímulo externo.

Apesar deste paralelismo, Pessoa, ao criar Teive, não tencionava ainda, provavelmente, dar-lhe entrada no recinto do *Livro*. Mas não há dúvida que o fez quando, pouco antes de morrer, arrumou os seus textos no já referido grande maço em que juntou os fragmentos destinados a integrar o nunca abandonado *Livro do Desassossego*.

Em 1929, ainda em vida do Barão de Teive, Pessoa concebeu o que viria a ser o seu mais conceituado e apreciado autor: Bernardo Soares. Data desse ano a primeira publicação de um texto por ele assinado. Curiosamente, Teive e Soares coexistem numa mesma página, destinado por Pessoa ao *Livro*, em 1930. Depois disso, o Barão desapareceu de cena definitivamente.

Pessoa aplicou-se, já no fim da vida, a estabelecer as DIFERENÇAS ENTRE A PROSA DO ARISTOCRATA TEIVE E A DO PLEBEU BERNARDO SOARES: o estilo «intelectual, despido de imagens, hirtó e restrito» do Barão, que «pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não os seus sentimentos», contrasta com o de Soares, que «quando pensa é subsidiariamente a sentir», e por isso o seu estilo «fluido, participando da música e da pintura, pouco arquitec-

tural». Esta contiguidade estabelecida pelo próprio Pessoa, corroborada pelo facto de ambos assinarem textos na mesma página manuscrita, é significativa da que decidiu dar-lhes no *Livro*. E que nunca foi respeitada pelos seus editores.

Pessoa autodiagnosticou-se, contudo, através dessas duas diferentes «personalidades literárias», a que não atribuiu estatuto de heterónimo por escreverem como ele — explicou. Mas a principal razão parece-me ser a que já dei: através dos Heterónimos, Pessoa aperfeiçoou-se, projectou-se melhor do que era, mas retratou-se em pior na pessoa destes semi-heterónimos.

Teive e Soares foram criados por Pessoa nos últimos anos da sua vida, em que todas as experiências lhe sabiam já a testamento. Teive diz, precisamente que o seu livro é «um testamento» — escrito já depois de ter decidido suicidar-se.

Todos os livros do *Livro* foram concebidos como «CONFISSÕES» DE UMA VIDA, COM AS DE ROUSSEAU NO HORIZONTE. «Rousseau, c'est l'homme», escreveu numa nota solta, creio que inédita, o jovem Pessoa — e Guedes repete-o, a seu modo, no *Livro*.

Chateaubriand emparceira com Rousseau na galeria desses antepassados, apesar de Teive se horrorizar com as parecenças que em si descobrira em relação aos dois: «horrorosa identidade», escreve. Nascem do comum impulso romântico (extensível, aliás, aos três autores do *Livro*) para se confessar, analisar e entender — que repugna ao Barão mas a que inevitavelmente cede. No caso de Soares, «palavrar» é uma droga de que não pode prescindir para viver.

São todos sonhadores, mas cada um sonha como vive. Soares escreve: «O grande sonho requer certas circunstâncias sociais.» E acrescenta: «Se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrair de entre as rodas e as tábuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter.

Mas até deste quarto andar sobre a cidade se pode pensar no infinito, um infinito com armazéns em baixo, é certo, mas com estrelas ao fim...»

Todos confessam a sua «INCOMPETÊNCIA PARA A VIDA». Guedes e Teive poderiam dizer como o protagonista de *Axel*, de Villiers de L'Isle-Adam: «La vie? Les serviteurs feront cela pour nous!» e como uma das Veladoras de «O Marinheiro»: «Não roçemos pela vida nem a orla das nossas vestes». Guedes parafraseia-os, no *Livro*: «Não toquemos na vida nem com as pontas dos dedos.» Mas Soares, o plebeu, não se pode impedir de a amar, a sua e a dos outros pobre vida, de a contemplar do alto da janela de um «reles» quarto andar e de lhe fazer constantemente o retrato através da sua enternecida prosa fotográfica.

Teive é um asceta ateu, não um contemplativo — e são raras no seu livro as referências ao mundo circundante — paisagem, coisas ou pessoas. A sua inteligência, que lhe aparece como uma maldição, comanda e estiola tudo — essa que diz ser nele «uma circulação do sangue».

Em vez de raciocinar interminavelmente, obsessivamente, como Teive, Soares vê: vê, como Caeiro preconiza, mas vê compulsivamente e, às vezes, ouve. E escreve para fixar essas impressões. É um impressionista: «Faço paisagens com o que sinto.» Mas são paisagens urbanas, de ruas, telhados e prédios, com um rio ao fundo: Soares aplica-se, nos seus escritos, a fazer *zoom* para fixar pormenores.

Num dos textos inseridos no *Livro*, Pessoa refere o propósito de inverter a afirmação de Amiel, seu inspirador: «Todas as paisagens são um estado de alma». O que Pessoa faz, de facto, através de Guedes e Soares, é transformar estados de alma em paisagens, como nas suas experiências poéticas paúllicas e interseccionistas, — «paisagens sonhadas», como são ditas no *Livros(s)*.

É, contudo, forçoso concluir que todos os autores do *Livro* tiveram «a alma insuficientemente panorâmica», como Pessoa afirmou de si próprio numa carta a um amigo, Cabral Metello, recusando um convite para passar umas férias na sua casa de campo. Mas o que ele não tinha era uma saudável e natural relação com a Natureza: era urbano dos pés à cabeça. Soares diz que ama o Tejo só porque está à beira de uma grande cidade. Caeiro transmitiu-lhes (a todos, excepto a Teive) a obsessão de «ver» mas não o seu amor pela Natureza nem a arte de ter raiz — que Pessoa, cidadão inveterado, não sabia o que era. Na citada carta a Cabral Metello, Pessoa acrescenta que está fincado em Lisboa não como uma árvore mas como um poste. E que «há rios tão estúpidos que parecem gente» — nítida provocação a Alberto Caeiro... A Natureza descrita, por Soares, no *Livro*, está domesticada, contida por grades, nos jardins públicos. Dir-se-ia que a Natureza, como qualquer outra forma de Feminino, faz medo a Pessoa e aos seus outros...

A máxima de Caeiro «Ver, apenas ver», é também de Guedes que escreve, adaptando a frase dos «navegadores antigos», «navegar é preciso, viver não é preciso»: «olhar é preciso», paralelamente a «sentir é preciso». Soares segue-o, nesse anseio. Ver e ouvir, disse Guedes, são os únicos sentidos aristocráticos porque dispensam a proximidade, o contacto físico — sempre temido por ele e pelo seu criador. E são, de facto, os que imperam no *Livro*.

Durante uns dois anos, Teive e Soares coexistiram na imaginação de Pessoa — e, às vezes, na mesma página. Expressiu-se através de ambos. Não era um

nem outro, era os dois juntos — e não só! Por isso especializou cada um deles em assumir, catarticamente, duas opostas propensões suas, separando assim os dois siameses que, dentro de si, lhe atrapalhavam a vida: «o que em mim sente está pensando». É assim que vemos Teive encarnar essa feição obsessivamente racionante de Pessoa, a de pensar, e Soares o seu lado sensacionista, o de sentir — já assumido por Guedes, com a pose e a artificialidade que o caracteriza.

Curiosamente, as experiências sensacionistas dos primeiros tempos desembocaram, depuradas de toda a sua ganga ocasional, em Soares. As florestas, palácios, jardins e lagos e cisnes, deram lugar à Rua dos Douradores, aos eléctricos, às carroças que vê-ouve do alto do seu 4º andar, na Rua dos Douradores de Lisboa, seu «lar». Essa a sua universalidade. Esse o seu incomparável sabor.

Vicente Guedes personificou não só o sensacionista milimétrico — até declarou querer criar «um jesuitismo das sensações» — mas também o obsessivo «recortador de paradoxos» que Pessoa disse ser. Pode-se dizer que cada um dos seus «outros» foi ele, a seu próprio modo. E que todos tiveram um activo papel na sua vida, digamos mesmo que representam uma TERAPIA E CATARSE, estabelecendo auto-diagnósticos que, através deles, o seu criador faz de si próprio, tentando purgá-lo de medos e maleitas, do corpo e da alma: Vicente Guedes morreu, como Caeiro, tuberculoso, e — dir-se-ia — em vez do seu criador, que sempre viveu sob a ameaça dessa doença que vitimara o pai e o irmão. Quanto ao Barão, Pessoa suicidou-o em seu lugar, da mesma forma que Campos se disse louco para o livrar de enlouquecer a sério, como toda a vida receou.

Bernardo Soares e Álvaro de Campos sobreviveram ao seu criador: assombam simpaticamente Lisboa: Campos nos sítios altos, nos miradouros que amorosamente cantou, Soares na Rua dos Douradores, ou melhor: em toda a Baixa lisboeta que nunca mais poderá passar sem a sua sombra benfazeja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer*. Lisboa: Estampa, 2 v.
- PESSOA, Fernando (2001). *Fernando Pessoa: le Théâtre de l'Être*. Trad. Teresa Rita Lopes. 2ª ed, bilingüe. Paris: Éditions de la Différence.
- PESSOA, Fernando (2013). *Poesia de Álvaro de Campos*. Ed. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2015). *Livro(s) do Desassossego*. Ed. Teresa Rita Lopes. São Paulo: Global.